

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E DESCORTINAR DO RACISMO: EXPERIÊNCIAS DO PROJETO DE EXTENSÃO A AGENDA ANTIRRACISTA.

University extension and the unveiling of racism: experiences of the extension project The anti-racist agenda

Juliana Desiderio Lobo Prudencio*
Universidade Federal Fluminense- UFF

Thiago Ribeiro de Souza **
Universidade Federal Fluminense - UFF

Verônica Paulino ***
Universidade Federal Fluminense- UFF

Resumo

O presente artigo busca pensar o projeto de extensão a Agenda Antirracista, o qual visa realizar ações antirracista na UFF – Campos e na Cidade de Campos dos Goytacazes na luta por uma sociedade antirracista, através de atividades extensionistas que coloque a população negra em destaque e o racismo como tema central como forma de construir ações antirracistas. Para tal, o recurso metodológico utilizado é a revisão de literatura e relatos das experiências vividas no projeto de extensão. Com isso, nota-se que a extensão universitária promove o debate do antirracismo a partir do resgata da cultura, religiosidade e vivências negras na universidade e na cidade colocando a população negra no centro do debate.

Palavras- chaves: Racismo. Antirracismo. Extensão Universitária.

Abstract

This article explores the Anti-Racist Agenda extension project, which aims to carry out anti-racist actions at UFF-Campos and in the city of Campos dos Goytacazes in the fight for an anti-racist society. It involves extension activities that highlight the Black population and centralize racism as a way to build anti-racist actions. To this end, the methodological resource used is a literature review and accounts of experiences during the extension project. Thus, it is clear that university extension promotes the debate on anti-racism by reclaiming Black culture, religiosity, and experiences at the university and in the city, placing the Black population at the center of the debate.

Keywords: Racism. Anti-racism. University Extension.

Introdução

O debate sobre o racismo se faz urgente nas universidades e na sociedade, um tema que se tornou evidente a partir de denúncias e de seu reconhecimento como crime, aliadas às ações dos movimentos negros e de militantes. É notório que a entrada de discentes negros na universidade pública convocou e convoca mudanças necessárias para um olhar sobre estes corpos, e vem sendo na aproximação com os alunos cotistas, na escuta das suas demandas, que o tripé Ensino / Pesquisa / Extensão vem se beneficiando do debate racial.

Diante disso, o Projeto de Extensão *A agenda antirracista*¹ tem como objetivo “propiciar aos discentes e docentes da UFF Campos, bem como aos movimentos sociais, moradores das proximidades da UFF Campos e profissionais que tenham apresso e responsabilidade pelo tema na Cidade de Campos de Goytacazes, um espaço de discussão democrática acerca do racismo e de suas expressões na população negra”. O objetivo do projeto é discutir o racismo e celebrar as conquistas do povo negro ao longo das últimas décadas, mas também expor os impactos que o racismo estrutural e institucional espalha até hoje na Universidade Federal Fluminense em Campos dos Goytacazes (UFF Campos) e na sociedade, provocando a eliminação da população negra na sociedade brasileira e perpetuando dilemas extremos.

No presente momento, a extensão universitária *A agenda antirracista* promove um espaço permanente de debate sobre questões raciais e antirracistas na cidade de Campos dos Goytacazes, por meio da UFF Campos, e estende o alcance a diversos públicos. Ainda tem como ação a formação de trabalhadores e discentes com o debate do antirracismo, destacando a relevância dos estudos raciais, por meio da participação da sociedade acadêmica e da luta permanente por uma sociedade antirracista.

Cabe destacar que, através de atividades na cidade de Campos dos Goytacazes e na UFF Campos, é notória a relevância e resultados sobre o descortinar das relações e atos racistas através de debates acerca da questão do negro no Brasil. Tais atividades ocorrem na UFF Campos; em escolas públicas e privadas; em instituições públicas e privadas e em eventos acadêmicos; desde o ano de 2021, utilizando oficinas, palestras, rodas de conversas, grupos de estudos, vídeos, contribuições de artistas negros dentre outras formas de se fazer o debate do racismo na construção do antirracismo.

Importante destacar que, para além de atividades informativas e reflexivas, *A agenda antirracista* também se constitui enquanto um espaço antirracista de acolhimento da população negra, no fortalecimento dos sujeitos e movimentos que promovem este debate.

¹ Com financiamento Proex- UFF – bolsista de extensão de 2021 até 2023.

Minha ênfase em trazer o conceito de Educação Antirracista é porque pesquisas nessa área mostraram que a Educação Antirracista explicitamente nomeia assuntos de raça e de justiça social, de igualdade racial/étnica, assuntos relacionados a poder, a exclusão, e não somente atentos aos aspectos culturais (FERREIRA, 2012, p. 278).

Através da arte, da música, da literatura negra e dos estudos realizados pelo projeto de extensão A agenda antirracista, a UFF Campos promove, nos espaços acadêmicos e institucionais, o resgate das memórias do povo negro e convoca as/os alunas/os negras/os, aquelas/es que sentem na pele a ausência e o apagamento de suas raízes, para uma aproximação com sua cultura, memória, saberes, socialização, espiritualidade, tradições, para que, de algum modo, a sociedade devolva aquilo que foi tirado do povo negro, que sofreu desde a formação deste país. O racismo é apenas uma das formas de opressão vivenciada pelos corpos negros, mas tem na sua história a construção diária de violências, assédios e exclusões, e através do projeto de extensão, a UFF Campos busca se colocar do lado oposto do opressor, na luta pela emancipação do povo negro.

Para nos aprofundar no estudo desse projeto, o recuso metodológico utilizado para a escrita deste capítulo foi a revisão de literatura e experiências vividas no projeto de extensão, na tentativa de apresentar uma escrita que possibilite a compreensão das ações desenvolvidas pelo projeto de extensão A Agenda Antirracista.

O Projeto de Extensão a Agenda Antirracista e a importância do antirracismo

O projeto de extensão A Agenda Antirracista se trata de uma ferramenta educacional para combater o racismo dentro da universidade pública e uma ação de fortalecimento do debate racial no Norte Fluminense. Tem como objetivos, através da extensão universitária, realizar ações educativas e interventivas, assim como a construção de um espaço para trocas e discussões sobre o racismo e suas manifestações contra a população negra. Busca-se, ainda, apresentar o racismo como uma problemática profundamente enraizada na sociedade capitalista brasileira e perpetuado pela branquitude, aquela que mais alimenta o racismo e não busca se racializar para combater esse mal.

Diante disso, A Agenda Antirracista tem desenvolvido atividades, mesas e debates sobre os impactos do racismo na população negra, sobretudo em sua saúde mental, a partir da perspectiva interseccional, com o olhar sobre a classe, a raça e o gênero, tendo por orientação o conceito de interseccionalidade de Collins e Bilgen (2021). Cabe destacar a importância do projeto no que tange à ampliação do debate racial através da extensão universitária, seja no cenário da universidade, seja no diálogo com a sociedade em geral.

Para tanto, o projeto busca mostrar a urgência do acesso às histórias sobre as trajetórias negras, sua cultura e sua religiosidade; contadas por esse povo e não reinventadas

pela branquitude, sobretudo, com a possibilidade de reviver a cultura, a religião e o ser ancestral, “se o antirracismo é algo para ser considerado mais do que retórica, o envolvimento de todas as pessoas envolvidas na escola é crucial” (FERREIRA, 2012, p. 278).

A construção das ações antirracistas desenvolvidas pelo projeto de extensão A Agenda Antirracista acontece mensalmente, sendo separadas em três frentes. A primeira são as reuniões de equipe², que são realizadas quinzenalmente e nas quais a equipe extensionista se reúne para dialogar sobre as possíveis frentes³ de ação. Com as ações definidas, se elaboram as futuras ações do projeto, com mapeamento do trabalho de campo, público-alvo, possíveis sujeitos para suporte com infraestrutura e definição da equipe que ficará à frente da ação. No geral, são ações na cidade e nas universidades, que incidirão diretamente em temas e atividades sobre os impactos do racismo na população da região. Assim como a participação em eventos que tragam o debate racial e atuação no fortalecimento de equipes e sujeitos no enfrentamento do racismo em instituições públicas e privadas com a possibilidade de práticas antirracistas, além da construção de rede através de movimentos sociais, coletivos negros e instituições, a fim de criar futuras parcerias, capazes de contribuir para as ações.

Ao final de cada ação, reúne-se para uma avaliação minuciosa dos passos dados em cada atividade realizada e socializamos juntos aos envolvidos, com elaboração de relatório, realizado pela bolsista de extensão. Através das reuniões levamos pautas e temas sobre o racismo e antirracismo que trabalhem e dissertem sobre o propósito do projeto de extensão como possibilidade de contribuir para a formação de uma consciência antirracista e a construções de ações de combate ao racismo, na luta pela igualdade racial na sociedade.

Ações desenvolvidas ao longo do ano de 2023

O projeto de extensão, A Agenda Antirracista, teve início no ano de 2021, com ações online, devido à pandemia de Covid-19. Já no ano de 2022, iniciamos atividades de forma híbrida, contanto com a ferramenta online para suporte em momentos de avanço do vírus e, em 2023, com o fim da pandemia e a vacinação em massa, sobretudo dos membros da equipe de extensão, foi possível ocupar de fato a cidade de Campos dos Goytacazes e a UFF Campos, com ações de extensão na luta por uma sociedade antirracista.

Diante disso, nesta seção, traremos as ações desenvolvidas ao longo do ano de 2023, realizadas na cidade de Campos dos Goytacazes e em Bom Jesus de Itabapoana, que se

² A equipe é formada pela coordenação do projeto de extensão, vice-coordenação, aluna bolsista PROEX e aluna voluntária.

³ Que se dão através de solicitações institucionais e/ou observações do cotidiano da universidade e/ou da cidade de Campos dos Goytacazes.

deram da seguinte forma: roda de conversas, fortalecimento de políticas sociais, participação em eventos e aquilombamento.

No que tange às rodas de conversas, no dia em que se celebra a luta dos povos indígenas em convocação a se pensar sua história e luta, foi realizada uma roda, levando o debate junto com o Coletivo Retomada Goitacá, acerca da população indígena em contexto urbano. Na atividade foi utilizado um vídeo seguido de debate e a proposta uma imersão de resgate ancestral. Para tal, foi realizado um debate potente e necessário, contando com a participação de discentes, docentes, movimentos sociais e sociedade em geral, numa conversa que se propôs a desmitificar o que socialmente se convencionou definir enquanto indígena no Brasil. Com a possibilidade de olhar para sujeitos racializados, não negros, referendando a relevância do debate e da incorporação da luta indígena no antirracismo. Isto se deu por meio do resgate de memórias, trazendo à baila a cultura, saberes, espiritualidade e tradições dos povos originários. “Pensar a questão indígena como resgate das próprias vivências. Na questão indígena, território é questão de sobrevivência” (Remu Flor Goitacá, 2023)⁴

Outra roda de conversa de que o projeto participou, foi na Semana da Luta Manicomial Goitacá, atividade realizada em conjunto com o curso de Psicologia e Serviço Social. A *agenda antirracista* realizou a atividade, com o tema “Criminalização das drogas e os usuários de drogas”, o debate que desencadeou a construção da ação foi a leitura realizada no grupo de estudos ao longo do primeiro semestre, a partir do livro intitulado *Guerra às drogas e a manutenção da hierarquia racial*, de Daniela Ferrugem (2019). A conversa se deu a partir das seguintes perguntas: quem são os usuários de drogas? Como é a abordagem aos usuários de drogas? Quem é o usuário ou o traficante de drogas? Guerra contra quem? E assim foi possível dialogar acerca da condenação histórica do povo negro, em sua condição de corpo desumanizado, violento e criminoso, evidenciando que a cor da pele define o ato policial e a decisão do juiz para a condenação por tráfico de drogas. Foi possível, ainda, debater sobre a criminalização dos usos de determinadas substâncias nos cultos religiosos de matrizes africanas, como escopo da criminalização das drogas e da população negra.

Pessoas brancas têm mais cuidado, espaço e liberdade para o porte e o uso de drogas, e pensar sobre isso, efetiva a quem seria o alvo a guerra às drogas, não é sobre quem pode ou não, ou o que deve ou não, a proposta seria pensar o porquê é sempre nos dados e nos colocados nestes mesmos lugares que perpetuam todo tipo de racismo (Fala de Juliana Lobo, 2023)⁵.

⁴ Graduando Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense, palestrante da noite.

⁵ Dra. em Política Social pela UFF Niterói, docente no Departamento de Serviço Social na UFF Campos e coordenadora do Projeto de Extensão A Agenda Antirracista.

Se olharmos para a região Norte Fluminense, somente no Norte Fluminense, há 16 comunidades terapêuticas (até agora), sendo 04 em Campos dos Goytacazes, sendo que as pessoas negras representam o maior percentual de pessoas ocupando estes espaços. Desde a formação deste país, os caminhos para cuidar de pessoas rotuladas como “incomuns” é encarcerá-las, restaurá-las e depois devolvê-las para a sociedade mais “sociáveis”.

O Estado não quer as reintegrar, mas sim deixá-las sempre à margem e controlá-las para não ter um certo abalo na sociedade, e a comunidade terapêutica, assim, cria uma nova senzala para a geração atual. Ser Antimanicomial é ser contra todas as formas de encarceramento (Fala de Juliana Lobo, 2023).

Outra roda de conversa que merece registro foi a realizada com a assistente social e professora Dr.^a Rachel Gouvêa, que prestigiou nosso polo do interior, UFF Campos, com o lançamento do seu livro *Na mira do fuzil: a saúde das mulheres negras em questão*. O espaço propiciou o debate acerca das mulheres negras em sofrimento psíquico em decorrência das violências estatais.

Na conversa, foi possível ouvir Rachel Gouveia Passos em 2023, mas, sobretudo, nos ouvir, pois houve inúmeras e potentes contribuições sobre como o poder estatal invade e destrói famílias e mulheres, onde a mão do Estado não alcança, mas a bala “perdida” sim. Importante destacar que tais vítimas são corpos racializados, pois, como os dados demonstram, a população negra está no pódio da violência policial. Além disso, a violência é o ponto chave para os adoecimentos psíquicos de mulheres periféricas, diante de suas perdas familiares e da ausência de uma política de saúde mental que assegure o cuidado em liberdade e de qualidade. Nesta atividade, foi possível selar a importância de uma política de saúde mental radicalmente antirracista, antimanicomial e antiproibicionista.

Sobre as ações de fortalecimento das políticas sociais, o projeto de extensão, ao longo do ano de 2023, vem frisando parceria com alguns serviços da Prefeitura de Campos dos Goytacazes no campo da assistência social e da educação. A nossa contribuição vem sendo realizada por meio de oficinas antirracistas, levando a compreensão do racismo, de falas e abordagens racistas, para os usuários das políticas sociais.

As ações no campo da política de assistência social se destacam por possibilitar a formação dos trabalhadores das políticas sociais e, assim, a construção de olhares e práticas que humanizem a população negra, maior beneficiária das políticas sociais. Já na educação, o trabalho é desenvolvido com as crianças e adolescentes, tentando dar visibilidade às crianças, adolescentes e funcionárias/os negras/os da unidade escolar e apresentando o antirracismo a todas as crianças e adolescentes que se dispuserem a estar conosco nas oficinas.

As ações possuem como norte a humanização dos corpos negros, que vem na tentativa de romper com o olhar desumanizador, utilizando vídeos, rodas de conversa, oficinas, valorizando a cultura e sendo que todas as atividades são realizadas por pessoas negras. Desse modo, o racismo é colocado como debate central e seus malefícios para a inclusão social de pessoas negras são denunciados.

No que se refere à participação em eventos, destaca-se, em celebração ao dia 15 de maio, dia do Assistente Social, através da seccional Norte Fluminense do Conselho Regional de Serviço Social (CRESS), a presença na mesa “30 anos da defesa dos princípios fundamentais: da liberdade ao Serviço Social sem discriminação”. Na referida mesa, o projeto levou reflexões acerca do papel da/o Assistente Social na luta contra as opressões, como movimento intrínseco à profissão. Além disso, colocou o debate do racismo, a partir do apresentado pelos princípios fundamentais do código de ética profissional, como conteúdo que precisa ser dialogado na categoria de forma constante. Por fim, convocou os envolvidos no evento a somar na luta antirracista e nas denúncias de racismo em seus espaços de trabalho.

Também levamos o projeto de extensão à cidade de Bom Jesus do Itabapoana, contribuindo com a mesa “O seu preconceito não me define, mas me adoecce: debate sobre LGBTfobia e racismo na luta antimanicomial”. Nesta atividade, foi possível pensar a importância de as equipes de saúde mental, álcool e outras drogas compreenderem o racismo estrutural e institucional na construção de um cuidado psicossocial junto à população negra. Também lembramos que a população que mais acessa o Sistema Único de Saúde (SUS) é a população negra e, portanto, pensar práticas antirracistas é de fundamental importância para olhar atentamente a população negra. Além disso, tecemos críticas à importância da compreensão do adoecimento psíquico e usos de drogas ser pensado olhando o racismo e as condições de desigualdades raciais e sociais impostas a este povo.

Outros eventos importantes foram realizados em conjunto com a Subsecretaria de Igualdade Racial e Direitos Humanos, no evento “25 anos de políticas públicas de promoção da igualdade racial em Campos dos Goytacazes-RJ: resistência da identidade negra por meio da roda de capoeira”. A roda de conversa sobre a capoeira se mostrou bastante potente, urgente e necessária no quesito patrimônio e cultura e possibilitou, ainda, reflexões acerca da formação de ações coletivas para promover a história, a cultura e a prática da capoeira em Campos dos Goytacazes. Foram destacadas análises sobre a capoeira não ser apenas esporte, entendendo-a como luta de resistência do movimento negro.

O encontro foi potente para olhar a partir da Lei n. 195/2022, que dispõe sobre a destinação de recursos financeiros da União para estados, Distrito Federal e municípios, a fim de que os referidos entes possam realizar editais, chamamentos públicos, prêmios ou

quaisquer outras formas de seleção pública na área cultural, e trabalhar, a partir disso, cobrando políticas públicas para a criação de um espaço, como casa cultural, por exemplo.

Ainda com a Subsecretaria, pudemos participar do evento “Diálogos afro-latinos: mulheres negras em foco”, que, em celebração ao Dia da Mulher Negra, Latino-americana e Caribenha, realizou uma mesa composta por mulheres negras, cuja centralidade do debate foi a compreensão da potência das mulheres negras. O projeto de extensão contribuiu com reflexões a partir do “nós por nós”, convocando as mulheres negras a ocuparem espaços juntas. O reconhecimento do aquilombamento como prática do *ubuntu*, como saída ancestral de cuidado e fortalecimento entre mulheres negras e possibilidade de espaço acolhedor e de resistência.

Por fim, o aquilombamento, que compõe a agenda das ações do projeto de extensão tem ganhando espaço como atividade constante na universidade e na sociedade campista. Uma ação que ganha destaque foi a recepção de calouros, no jardim da UFF Campos, um encontro denominado “Piquenique Preto Antirracista”. A intervenção tinha como intenção recepcionar a chegada das/os novas/os alunas/os pretas/os à universidade e introduzi-las/os ao meio acadêmico, apresentando-as/os aos grupos e coletivos, com o intuito de acolhê-las/os em sua chegada e colocar o projeto como espaço de aquilombamento na UFF Campos. O encontro foi um espaço importante para a construção de laços e contou com a presença dos coletivos: Trans N.B. Goitacá, Pretas Psic, a equipe do projeto de extensão e graduandos de Serviço Social, Psicologia e Ciências Sociais. Durante a atividade, realizamos uma roda no jardim, para que criássemos mais vínculos e nos aproximássemos uns dos outros, ressaltando a importância do movimento negro na Universidade para as pessoas que estão chegando.

Cabe destacar que essa ação não foi o início de práticas de aquilombamento no projeto e sim a culminância para a convocação de nossos agentes, pois o grupo que compõe as ações extensionistas, que destacam o projeto enquanto um espaço de acolhida, irmandade e aquilombamento de pessoas negras.

Importante destacar que as ações aqui apresentadas condensam práticas e saberes extensionistas e que agora, nesta escrita, dará rumo, visibilidade e oportunidades de leituras e saberes. A construção do antirracismo se faz urgente e a nossa busca é por mais ações na universidade e nas cidades que chamem o debate racial para a cena e radicalizem a luta antirracista.

Considerações finais

A história do Brasil foi escrita por mãos de homens colonizadores e brancos, que operaram o apagamento do povo negro e indígena brasileiro. Um dos maiores problemas de estudantes negros e negras que frequentam espaços como a Universidade é o de não se sentirem pertencentes àquele local, muito menos têm uma rede de apoio para que não ocorra a evasão de alunos (as) negros (as) dos espaços acadêmicos. Estamos cansados de ter nossas histórias e nossa perspectiva de vida negligenciada e baseada numa visão escravocrata à qual a branquitude ainda persiste em nos submeter, deturpando a nossa história.

A universidade precisa ganhar a sociedade com ações extensionistas que problematizem o racismo e convoquem a radicalização do antirracismo. Se faz urgente a compreensão dos corpos negros e a sua inserção nessa sociedade que nos assola pela imposição de uma desigualdade racial e social.

Referências

- ALMEIDA, Magali. Desumanização da população negra: genocídio como princípio tácito do capitalismo. **Em Pauta**, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/15086/0>. Acesso em: 19 ago. 2022.
- ALVES, Felipe Arthur Cordeiro.; CÔRTEZ, Gisele Rocha. Raízes do epistemicídio negro: análise da produção científica do ENANCIB (1994-2019). **Em Questão**, v. 29, p. e-124693, 2023.
- ARAÚJO, Verônica Souza de et al. Eles vão certeiros nos nossos filhos: adoecimentos e resistências de mães de vítimas de ação policial no Rio de Janeiro, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, p. 1327-1336, 2022.
- COLLINS, Patricia Hill.; BILGEN, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.
- EURICO, Márcia Campos. A percepção do assistente social acerca do racismo institucional. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 114, p. 290-310, abr. 2013.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Edufba, v. 23, p. 129, 2008.
- FERRUGEM, Daniela. **Guerra às drogas e a manutenção da hierarquia racial**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.
- FERREIRA, Aparecida de Jesus. Educação antirracista e práticas em sala de aula: uma questão de formação de professores. **Revista de Educação Pública**, v. 21, n. 46, p. 275-288, 2012.
- IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasil: 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/negros.html>. Acesso em: 27 set. 2023.

IPEA. INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Atlas da violência**. v. 2.7, 2021.

OLIVEIRA, Érika Cecília Soares. *et al.* Raça e política de assistência social: produção de conhecimento em psicologia social. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, 2019.

PASSO, Rachel Gouveia. **Na mira do fuzil**: a saúde mental das mulheres negras em questão. São Paulo, Hucitec, 2023.

SANTOS. Boaventura de Souza.; MENESES, Maria Paula. (org.). **Epistemologias do sul**. Coimbra, CES, 2009.

SINHORETTO, Jaqueline. *et al.* A filtragem racial na seleção policial de suspeitos: segurança pública e relações raciais. **Segurança pública e direitos humanos: temas transversais**, v. 5, p. 121-160, 2014.

NOTAS

*Juliana Desiderio Lobo Prudencio

Doutora em Política Social

E-mail: julianalobo@id.uff.br

<https://orcid.org/0000-0003-3068-0097>

**Thiago Ribeiro de Souza

Assistente Social e Pós-graduado em Serviço Social na Saúde

E-mail: ribeirothiago@id.uff.br

<https://orcid.org/0009-0000-2081-8289>

***Verônica Paulino

Graduanda em Serviço Social

E-mail: vp@id.uff.br

<https://orcid.org/0009-0006-2660-9940>

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO:

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM:

Não se aplica

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA:

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES:

Não se aplica

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à Revista Goitacá os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY) 4.0 Internacional. Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal Fluminense. Publicação no Portal de Periódicos UFF. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Ana Claudia de Jesus Barreto

HISTÓRICO

Recebido em: 23-10-2025 – Aprovado em: 28-12-2025 – Publicado em: 31-12-2025.